

160. *The Great Wrong Place: LA as Urban Melancholy*, in Clarke (ed.), *The American City*, Londres 1988, p. 142.
161. Edward Soja, *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory*, Londres 1989, p. 193.
162. O monopólio de Los Angeles da "visão do futuro", entretanto, está sendo desafiado agora por outros "postos de observação avançados", especialmente pelo maior subúrbio da cidade. Uma "Escola (paralela de pesquisadores) do Lantado de Orange", baseada na Universidade da Califórnia em Irvine e patrocinada por uma grande subvenção da Fundação Rockefeller, está explorando esta reivindicação da área de ser a sociedade pós-moderna mais ideal-típica.
163. A versão original deste ensaio foi publicada pela primeira vez na *New Left Review* 146 (julho-agosto de 1984) com o título *Postmodernism, or Cultural Logic of Late Capitalism*. Para uma crítica das coordenadas específicas de Los Angeles de Jameson, ver Mike Davis, *Urban Renaissance and Spirit of Postmodernism*, in E. Ann Kaplan (ed.), *Postmodernism and its Discontents*, Londres 1988, pp. 79-87.
164. In *Cultural Critique*, Inverno de 1986, 7, pp. 157-77.
165. Robert Hillburn, *Rep*, *Los Angeles Times Calendar*, 2 de abril de 1989.
166. Bercelowitz op. cit.
167. Cf. descrição da entrevista do NWA in Hunt.
168. Ver sua *Beats, Blacks/Productions: Some Recent Writing in LA*, in Kaplan, pp. 163-86.

• CAPÍTULO DOIS



LINHAS DE PODER

QUEM CONTROLA LOS ANGELES?

Não existe estrutura de poder aqui — somente pessoas que pensam que são o poder.
Otis Chandler¹

As imagens populares do poder em Los Angeles são curiosamente contraditórias. Por um lado, há uma crença comum, quase que uma lenda folclórica, de que LA é governada por um sistema onipotente estabelecido no Centro, comandado pelo *Times* e algumas grandes empresas bancárias, companhias de petróleo e lojas de departamentos. Por outro, tem-se a declaração peremptória de Chandler, que encontra eco nos jornalistas da escola do "não existe nada que 'exista' no que existe", de que o poder na Califórnia Meridional é fragmentado e disperso, sem um centro hegemônico.

Ambas as imagens aprofundam verdades parciais. Durante o meio século entre a guerra hispano-americana e a da Coréia, a dinastia Otis Chandler do *Times* de fato presidiu uma das estruturas de poder municipal mais centralizadas — na verdade, militarizadas — dos Estados Unidos. Eles erigiram o *open shop* sobre os ossos do trabalhismo, expulsaram judeus pioneiros dos registros sociais e pilharam a região através de uma série de grandes cartéis imobiliários. Resíduos importantes do poder dessa gente — como de sua pilhagem — permanecem gravados no Centro, influenciando o atual regime Bradley, ainda que a velha guarda esteja sendo suplantada por atores mais poderosos vindos de Tóquio, Toronto e Nova York.

Ao mesmo tempo, o bisneto do general Harrison Gray Otis está certo ao enfatizar a presente incerteza quanto a "quem controla LA". A partir da ascensão dos enclaves das indústrias de diversões e aeronáutica nos anos vinte e trinta, e da descentralização da atividade econômica ao longo do corredor de Wilshire durante o mesmo período, a estrutura de poder chandleriana — que emprestava grande parte da escuridão ao *noir* de LA — rapidamente perdeu seu monopólio regional. Um Westside separatista, predominantemente judeu e democrata, teceu suas redes sociais e políticas diferenciadas, transformando-as

numa hierarquia de poder concorrente. Mais recentemente, a globalização da economia regional introduziu novos atores e centros de poder, desestabilizando as arcaicas culturas aristocráticas.

É óbvio que a complexidade policêntrica do sistema contemporâneo de elites já não é mais susceptível aos ditames de nenhuma dinastia única ou Sr. Chefão. Mas, se Los Angeles deixou, há muito tempo, de ser uma cidade provinciana com um único "comitê executivo da classe dominante", ainda está longe de ser um mero loteamento de riqueza e poder difusos. O poder político na Califórnia Meridional permanece sendo organizado pelas grandes constelações de capital privado, as quais, como em outros lugares, agem como governo permanente nas questões locais. O que é excepcional em relação a Los Angeles é o desenvolvimento extremo do que continua a ser apenas uma tendência na evolução de outras cidades americanas.

Primeiramente, a formação da elite em Los Angeles tendeu a obedecer às regras estabelecidas pela imprevisível geologia da região, uma vez que alterações bruscas na base econômica produzem recomposições fundamentais no nível dos blocos de poder. A despeito do interlúdio de disciplina chandleriana nos negócios, Los Angeles sempre teve uma cultura de elite muito mais *porosa* do que Nova York, Chicago, Filadélfia ou São Francisco. Como enfatiza Frederic Jaher, cada nova onda de riqueza "impôs seu estilo à comunidade, ao invés de se submeter às elites mais antigas." Este imperialismo intrusivo opera agora a favor do *zaibatsu* japonês e dos bancos baseados em Manhattan, como operou por um período breve, mas espetacular, ao lado dos reis dos *junk bonds** recentemente depositos de Beverly Hills. Em segundo lugar, a genealogia das elites em Los Angeles reverteu a típica seqüência americana de domínio WASP seguido por esforços católicos e judeus pela aquisição do poder. Aqui, a proeminência precoce de elites que não eram protestantes foi substituída por uma longa era de exclusão WASP, à medida em que a Los Angeles outrora cosmopolita tornava-se, cultural e demograficamente, a mais nativista e fundamentalista das grandes cidades. O expurgo social e político da elite judaica, em particular, precipitou a formação de uma classe dominante bifurcada, talvez única nos Estados Unidos.

Em terceiro lugar, a característica de expansão horizontal no desenvolvimento moderno da cidade, que já em 1925 antecipava a tendência geral do urbanismo americano dos anos sessenta, enfraqueceu os invólucros espaciais cruciais de um sistema municipal centralizado. Desde a Primeira Guerra Mundial, uma elite do Centro cada vez mais auto-identificada tem tentado evitar vazamentos de poder para a periferia e reforçar a centralidade regional do velho Distrito Comercial Central. Isto levou apenas a uma escalada de guerras locais

darwinianas, à medida em que novos centros e suas elites, de Century City ao Triângulo Dourado do Condado de Orange, desafiaram a aristo-hierarquia do Centro de Los Angeles. Além disso, a extrema fragmentação política da metrópole, superando até mesmo a balcanização da grande Chicago ou de Boston, permitiu que poderosos interesses privados capturassem governos locais para utilização em proveito próprio, como enclaves à prova de impostos. Este "mercado competitivo de municipalidades" — celebrado pelos teóricos ultra-*laissez-faire* da *public choice** — reduziu o incentivo para uma organização abrangente da elite em escala regional.

Em quarto lugar, a *internacionalização da formação das classes* deu um salto qualitativo em Los Angeles que vai além de qualquer outra cidade norte-americana. A mais WASPista das grandes cidades em 1960, Los Angeles possui agora uma diversidade poliétnica maior do que a de Nova York, com uma imensa classe de trabalhadores braçais constituída por latinos, e uma crescente parcela de investidores asiáticos que vivem de rendas. No nível da elite, o capital japonês, chegando como um *tsunami* no começo dos anos oitenta, já se tornou um participante discreto mas importante na política municipal. Paralelamente, grandes ondas de imigrantes chineses, coreanos e armênios de classe média, engrossadas por israelenses, iranianos e outros, fizeram de Los Angeles o centro mais dinâmico do capitalismo de família étnica do planeta.

Finalmente, devido ao extraordinário nanismo da política de massas em Los Angeles, a intermediação dos interesses das elites é negociada de modo invisível, com custos de patrocínio mínimos e baixíssimo "repasse" para o eleitorado das classes trabalhadoras ou dos guetos. A não ser pelos períodos imediatamente posteriores à derrota do *open shop* no final dos anos trinta, e à Rebelião de Watts em 1965, as estruturas de poder da Los Angeles moderna não tiveram que fazer frente a pressões reformistas significativas de esquerda. Isto é em parte fruto do legado perverso do progressivismo local do início do século XX, o qual, pela eliminação da competição partidária aos governos municipais e do condado, depreciou a participação dos cidadãos. É também a consequência de uma divisão dos distritos eleitorais em bases extremamente raciais, sobretudo no Eastside chicano, a qual historicamente diluiu a influência política da classe trabalhadora não-saxônica. Mais recentemente, a leva de imigração não-documentada vinda do México e da América Central magnificou a discrepância entre os que trabalham e os que votam. A despeito da transição demográfica marcante que fez dos saxões uma minoria em Los Angeles, a influência mais significativa na tomada de decisões das elites vem dos proprietários saxões afluentes (ver capítulo três), cujo peso eleitoral é agora maior do que nunca.

* Títulos emitidos por empresas de menor estabilidade no mercado que oferecem alta rentabilidade para atrair os investidores. Estes papéis foram amplamente utilizados para lastrear aquisições hostis de grandes empresas na década de oitenta.

* *Public choice*, literalmente, "escolha pública". Conceção ultra-*laissez-faire* da administração pública, reduzindo o poder de decisão do Estado ao mínimo essencial.

Embora outras cidades americanas revelem algumas destas tendências — isto é, reestruturação econômica faustiana, porosidade social, anti-semitismo de elite, competição pela posição de lugar central, internacionalização da formação das classes, extrema fragmentação política e perda de poder político do gueto — nenhuma (para tomar por empréstimo o *slogan* oficial da cidade) “é tudo isso ao mesmo tempo” como Los Angeles. A cidade americana em mais permanente estado de expansão da história, Los Angeles sempre foi “o Grande Gatsby das cidades americanas”.¹ Em meio ao movimento pendular das fortunas individuais, a verdadeira essência do espírito de Los Angeles tem sido encarnada em uma sucessão de estruturas de poder tornadas coerentes pelas *estratégias de acumulação* comuns, e distintas pelos modos específicos de inserção nas estruturas de poder maiores das economias californiana e nacional (hoje em dia, internacional). Em quase todos os casos, além disso, as novas elites e estratégias foram geradas por reestruturações da economia política da incorporação da terra. Como regra geral, modos de especulação com a terra em mutação tenderam a determinar a natureza das estruturas de poder de Los Angeles.

Na genealogia que se segue, faço um esboço de uma narrativa sobre as gerações das elites de poder, enquadrada numa periodização tripartite segundo modalidades historicamente dominantes de incorporação da terra. Primeiro, no século que vai da declaração da *Bear Flag Republic** até a rendição do Japão — isto é, na trajetória do longo arco do Destino Manifesto — Los Angeles passou de um povoado mexicano insignificante de menos de três mil almas para uma metrópole de mais de três milhões. No primeiro século de controle dos saxões, a incorporação permaneceu fundamentalmente latifundiária, e as camadas dominantes estavam organizadas sob a forma de monopólios especulativos da terra cuja encarnação mais acabada era a estrutura de poder militarizada, estabelecida pelo general Otis, que controlou a cidade por quase três gerações depois de 1889.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, contudo, tornou-se impossível falar em uma única estrutura hegemônica de poder, uma vez que Los Angeles estava cada vez mais polarizada entre as “coalizões de crescimento” do Centro e do Westside, com pretensões econômicas, políticas e culturais diferenciadas. Numa era de “suburbanização keynesiana”, as indústrias da construção comercial e do financiamento habitacional geraram uma boa parte do poder ascendente do Westside, enquanto a velha guarda chandleriana permanecia fixada na reincorporação de seus patrimônios do Centro. Embora os levantes militantes dos guetos tenham encorajado uma certa reaproximação entre as lideranças empresariais judaicas e gentílicas (ironicamente representadas no regime “liberal” de

Bradley), Los Angeles permaneceu efetivamente uma “cidade de duas cabeças” até os anos oitenta.

Durante a última década, a crescente escassez de terra interagiu com a chegada dos investimentos asiáticos para iniciar uma recomposição de longo alcance das elites tradicionais. Como segunda cidade da vasta “esfera de co-prosperidade” do Anel do Pacífico dominada por Tóquio, Los Angeles tornou-se tanto império quanto colônia. Lutas intestinas pelo poder entre o Centro e o Westside foram ofuscadas por uma nova geopolítica e uma nova economia da terra, deixando o problema de quem controlará Los Angeles no ano 2000 como uma questão surpreendentemente aberta.

O SOL E OS *OPEN SHOP* GENROS MAQUIAVÉLICOS (1840-1850)

Se, na Califórnia Meridional, as hostes de garimpeiros em busca de ouro aniquilaram brutalmente a nativa sociedade *Californio*, no sul a arma preferida da conquista foi o casamento. Os antigos *haciendados* da região de Los Angeles — *a gente de razão* da qual nos lembramos hoje principalmente por causa de nomes pitorescos de ruas, como Pico, Figueroa e Sepulveda, e assim por diante — foram desapropriados sem violência pelos seus próprios genros ianques maquiavélicos.

No final dos anos vinte, a Alta Califórnia mexicana, particularmente as terras de pastagem na região das missões de San Gabriel e San Fernando, as quais eram objeto de uma disputa prolongada entre a Igreja e a secularização trazida pelos beneficiários de doações de terras do governo, tornaram-se uma colônia marítima de Boston. Os couros vindos dos grandes ranchos forneciam a matéria prima para as fábricas de sapatos da Revolução Industrial na Nova Inglaterra, enquanto os comerciantes ianques transmitiam os rudimentos da civilização vitoriana para a remota costa da Califórnia Meridional. Todavia, à medida em que os rápidos veleiros foram se tornando uma imagem constante no Canal de Catalina, houve marinheiros que se encantaram com as possibilidades da vida na costa — sobretudo com as lucrativas oportunidades de assumir as funções comerciais intermediárias desprezadas pelos rancheiros nativos.

Um dos primeiros ianques desembarcados, e que acabou sendo o mais bem-sucedido deles, foi “Don” Abel Stearns, que chegou no final dos anos 1820 e, depois de uma conversão política ao catolicismo, tornou-se genro de Juan Bandini, um dos principais proprietários de terras. Seu compatriota de Massachusetts, “Juan” Temple, abriu a primeira loja de Los Angeles e marcou um tento ainda maior ao casar-se com a filha de Manuel Nieto, o maior barão do gado da província, cujas pastagens se estendiam desde o Rio San Gabriel até o Santa Ana. Um das dúzias de outros ianques, além de uns poucos aventureiros europeus, seguiram a trilha matrimonial para a fortuna aberta por Stearns e Temple. Às

* *Bear Flag Republic*. Literalmente “República da Bandeira do Urso”. Alusão à República da Califórnia, fundada por insurgentes americanos em junho de 1846, contra a denominação espanhola. Sua bandeira estampava como símbolos a figura de um urso grizzly e uma estrela.

vésperas da Conquista, e antes da chegada de quaisquer dragões de Polk, a economia de Califórnia Meridional já havia sido decisivamente americanizada pelo casamento, com Stearns — parecendo em seus daguerreótipos, sob todos os aspectos, um patriarca do Velho Testamento — como o homem mais rico da Califórnia Meridional e senhor do comércio exterior de Los Angeles.⁴

Embora o declínio do comércio de couro e a Guerra da Conquista tenham deprimido temporariamente a economia dos ranchos, a Corrida do Ouro estimulou uma demanda quase que insaciável por carne para alimentar cem mil garimpeiros de aluvião. À medida em que o preço do gado dos ranchos subia de 2 dólares para 50 dólares por cabeça, Stearns e os anglo-californianos viam sua riqueza e poder aumentarem. Depois, durante a Guerra Civil, abateu-se a catástrofe: primeiro, uma seca devastadora que deixou os ossos de um milhão de cabeças de gado tingindo de branco as encostas do Condado de Los Angeles; depois, a introdução de métodos de criação de gado, usando raças melhoradas, no sul do Vale de San Joaquin, pelo famoso barão de gado e pirata terrestre Henry Miller. Os visionários sonhavam com vastos sistemas de irrigação para reviver a economia da Califórnia Meridional, mas não havia capital local. Muito endividados, com a criação destruída, e cerceados por litígios relacionados a seus títulos de propriedade que se estendiam há uma década, os *hacendados* começaram a perder o controle de seus patrimônios.

OS OPORTUNISTAS DO NORTE (1860-1870)

A destruição da economia baseada na pecuária de Califórnia Meridional contrastava com a riqueza sempre crescente de São Francisco, resultante da prosperidade trazida pela prata em Comstock e da construção da estrada de ferro Central Pacific. Enquanto a Corrida do Ouro por si mesma não chegou a deixar no seu rastro uma classe dominante bem definida, a exploração empresarial de Comstock e os subsídios e doações de terras federais relacionadas à estrada de ferro criaram um pólo independente de capital em São Francisco, o qual controlava um império do litoral do Pacífico, desde as Aleutas até a *Baja California*. Foi esta São Francisco lendária e florescente ao estilo dos médicos — do “anel de Ralston”, dos “Quatro Grandes” e dos “Reis do Comstock” — que, depois do fim da Guerra Civil, invadiu a região de Los Angeles e reformulou sua economia.

O capital de São Francisco chegou em dois contingentes separados. No começo dos dias da Corrida do Ouro, os mercadores judeus alemães da Silésia e da Alsácia começaram a tomar das mãos de Stearns e dos anglo-californianos o controle do comércio de Los Angeles. Ao final da década de 1860, quando Isaias W. Hellman — destinado a ser o maior financista da Era Dourada de Los Angeles — abriu as portas de seu primeiro banco, estas famílias de comerciantes tinham integrado a Califórnia Meridional numa vasta rede financeira e comercial que se

espalhava pela maior parte do Oeste, controlada a partir de São Francisco (geralmente havia uma divisão de trabalho entre irmãos mais velhos e mais novos) e ligada internacionalmente a centros do capital em Nova York, Paris e Frankfurt.⁵

Aproveitando o colapso, induzido pela seca, dos valores da terra para 20 centavos de dólar por hectare (a avaliação de todo o território do Condado de Los Angeles chegava apenas à cifra de 1.600.000 dólares em 1863), uma segunda leva de milionários *nouveaux riches* do Comstock e ricos administradores da estrada de ferro Central Pacific começou a comprar os ranchos falidos do Sul.⁶ A transição entre eras e grupos dominantes foi dramaticamente assinalada pela liquidação, em 1868, da propriedade arruinada de Abel Stearns. Um grupo de investidores de São Francisco, comandado por Alfred Robinson e San Brannan (o famoso vigilante mórmon da década de 1850), subdividiu a grande propriedade, que se estendia de San Pedro a San Bernardino. William Clary, historiador da dinastia legal dos O'Melveny, que prosperou às custas da venda dos ranchos, assinala que a venda Stearns “estabeleceu o padrão para todas as promoções imobiliárias futuras da Califórnia. Foi a primeira vez que foi feita uma tentativa sistemática de divulgar nacionalmente os atrativos climáticos e de outra ordem da Califórnia Meridional”.⁷

Passada uma década do desmoronamento do império de Stearns, virtualmente todas as principais concessões de terra (com a exceção reveladora do Rancho Dominquez, em South Bay) haviam sido alienadas para interesses do Norte da Califórnia: a área de Long Beach para Bixby e Flint (que compraram o que era de Juan Temple), o sul do Condado de Orange para Irvine Flood (mais tarde O'Neil), a Ilha de Catalina para Lick, diversos ranchos no Vale de San Gabriel para “Lucky” Baldwin, o Vale do Sul, em Santa Clara, para Newhall, o San Fernando Meridional para Lankershin e Van Nuys, o San Fernando Setentrional para os irmãos Porter e McClay, enquanto o senador Jones, de Nevada, tornou-se o “pai” de Santa Monica. Ainda carentes de uma infraestrutura de irrigação, não havia muito mercado para a subdivisão destas vastas extensões de terra em fazendas. Forçados a conservar seus latifúndios intactos por mais uma geração, os nortistas tentaram a criação de carneiros, e, depois, em seguida à queda dos preços da lã, plantações de cevada e trigo de crescimento rápido. Isto gerou uma nova fonte de comércio marítimo para Los Angeles, uma vez que a farinha do Vale de San Fernando era despachada de navio, contornando o Cabo Horn, para Liverpool.

Os grandes beneficiados com a venda dos ranchos foram Isaias Hellman e seu sócio, o ex-governador John Downey, que, através de uma agiotagem calculada durante os anos da seca, acabou por ter nas mãos os penhores das propriedades mais valiosas. Em 1871, eles fundaram o Farmers and Merchants Bank (Banco dos Fazendeiros e Comerciantes), o qual, por trinta anos, foi o principal centro financeiro da cidade. A colaboração entre Hellman e Downey, que sobreviveu até mesmo ao fato do primeiro ter assumido o controle integral do banco em

1875, simbolizava uma convivência étnica mais ampla. Muitos dos oportunistas eram irlandeses (Downey, O'Neill, O'Melveny, Baldwin, e assim por diante), e o interessante é que, em São Francisco, eles tendiam a formar facilmente alianças com a comunidade judaica-alemã de comerciantes. Os dois grupos se entrixeiraram no Partido Democrata local, todo-poderoso, e os judeus, em contraste marcante com sua exclusão no século seguinte, participavam regularmente em todas as instâncias do poder municipal, desde a Assembléia Legislativa até as frequentes "reuniões de gravata" do comitê de vigilantes. (Hoje em dia, no pequeno Museu Maçônico no Parque Histórico de El Pueblo, o visitante ainda pode encontrar evidências abundantes do congregar ecumênico das elites durante a década de 1870.)

Como documentou Remi Nadeau, a primeira iniciativa coordenada desta nova classe dominante — a peça fundamental da sua estratégia de acumulação comum — foi criar um *lobby* para fazer de Los Angeles o centro ferroviário básico do Sudoeste. Depois do desmoronamento da economia dos ranchos, a cidade tinha sido salva por seu comércio com os acampamentos de garimpeiros de prata de Cerro Gordo e das Montanhas Panamint (próximas ao Vale da Morte). À medida em que a Southern Pacific foi estendendo seus trilhos pelo Vale da San Joaquin, no começo da década de 1870, os líderes de Los Angeles temiam que uma das novas estações terminais do Vale pudesse absorver este comércio essencial de metais em espécie. Olhando para um futuro mais distante, os partidários locais da Southern Pacific (SP), comandados pelo banqueiro Hellman e pelo advogado O'Melveny, esperavam se antecipar à tentativa de San Diego para tornar-se a estação terminal do sul da Califórnia da estrada de ferro transcontinental. Embora a SP extorquisse recursos extravagantes em terras e em dinheiro para construir uma ramificação até o Rio Los Angeles, Hellman e O'Melveny dobraram os críticos da estrada de ferro com visões cintilantes da prosperidade iminente no rastro do cavalo de ferro.

OTIS E OS EXPANSIONISTAS (1880-1910)

No princípio, a estrada de ferro foi uma cruel decepção, exigindo muito em tributos e transportando pouco em termos de comércio novo. Enquanto Los Angeles (população de 11.183 em 1880) esperava sete longos anos para que a SP completasse seu ramo sul, passando por Nova Orleans, os produtos locais tinham que ser encaminhados através de Ogden, onde os carregamentos de frutas pareciam no frio dos passos de grande altitude. Ainda em 1883, os analistas locais previam um futuro puramente provinciano. A criação de avestruzes ainda era descrita como uma "indústria proeminente", e o naturalista John Muir via na apicultura a melhor esperança da região."

O término da Sunset Route da SP, em 1883, seguido pela chegada da con-

corrente Santa Fe em 1886, transformaram o cenário econômico e geográfico da Califórnia Meridional. Com investimentos imensos empatados nas suas novas linhas transcontinentais, e na posição de maiores proprietários de terras da região, as estradas de ferro adquiriram uma participação gigantesca no desenvolvimento rápido de Los Angeles e dos condados adjacentes.¹¹ (Ansiosa para exibir os charmes de seu novo feudo, a SP certa vez ofereceu a Oscar Wilde um trem especial e um vagão particular para que visitasse Los Angeles.) Numa escala até então nunca sonhada como possível, elas criaram um plano de crescimento baseado na conversão da agricultura de latifúndio a seco numa horticultura irrigada e subdividida. Como enfatizou Richard Orsi, no começo de década de 1880 as estradas de ferro foram "os principais patrocinadores da fazenda científica na Califórnia". A cultura de cítricos, sobretudo, parecia uma estratégia de desenvolvimento ideal: atraía centenas de investidores afluentes, aumentava o valor da terra, reforçava a imagem "mediterrânea" da região, promovia o turismo, estimulava a construção nas cidades e, acima de tudo, aumentava drasticamente o valor da unidade das cargas ferroviárias.¹²

Para tornar esta visão realidade, as estradas de ferro aliaram seus departamentos de imigração e publicidade, seus agentes fundiários e birôs turísticos, às forças promocionais locais. Quando a SP e a Santa Fe iniciaram uma guerra de redução de tarifas em 1886, Los Angeles — um lugar de mistério para a maioria dos americanos — subitamente tornou-se o destino urgente de cerca de cem mil especuladores imobiliários e turistas curiosos. Como se queixava o *Times-Mercury* de San José: "A mente do homem médio do Leste [agora] concebe a Califórnia como uma pequena extensão de terra situada dentro e em torno de Los Angeles."¹³

Como vimos no capítulo anterior, o *boom* de 1886-89 foi um frenesi humano em nada diferente da Corrida do Ouro de 1849. Um observador contemporâneo disse que "era como se a família inteira dos humanos estivesse vindo para cá, para viver do clima e de negociatas com loteamentos imobiliários".¹⁴ Apenas em 1887, dois mil agentes imobiliários transacionaram mais de 100 milhões de dólares em vendas de terras (várias vezes o valor líquido anterior da região), e sessenta cidades novas foram estabelecidas, na maior parte ao longo das rotas das estradas de ferro concorrentes.¹⁵ Embora o *boom* tenha desmoronado abruptamente em 1889, transformando muitos "milionários por um dia" em indigentes, deixou à sua passagem uma infraestrutura impressionante de distritos de irrigação e companhias de transporte suburbano (fortemente financiada por capital de São Francisco), assim como cinquenta mil novos residentes.

O vice-cônsul britânico, examinando os destroços do *boom* no começo de 1890, observou que o principal obstáculo para o crescimento renovado de Los Angeles era o estado lamentável de seu "porto", o ancoradouro totalmente abandonado e desprotegido em San Pedro. As condições eram ali tão ruins, particularmente durante a estação em que sopravam os vendavais de sudeste, que Los

Angeles foi forçada a usar Nova Orleans (via Sunset Route) como um porto alternativo.¹⁰ Como assinalou o historiador William Issel, foi a "luta pelo Porto Livre", durante a década de 1890 — simultaneamente encaminhada para obter subsídios federais para melhorar San Pedro e contra o esquema da Southern Pacific para fazer um porto reservado em Santa Monica — que "estimulou o aparecimento de um grupo de líderes, os quais rapidamente passaram a se considerar como a classe de liderança natural da cidade."¹¹

O principal organizador da *Free Harbor League* (Liga pelo Porto Livre) era, é claro, o general Otis, que consolidou a classe dominante "natural" da década de 1890, enquanto simultaneamente fazia do *Times* (o único dos quatro diários a apoiar inequivocamente o porto municipal) o principal jornal da região.¹² Muitos dos "oportunistas" da geração anterior, como Lankershim, Cole e Slauson, que haviam se alinhado com a SP, nunca recuperaram o poder que haviam perdido com a vitória do Porto Livre. Seus sucessores incluíam dois estratos muito distintos de recém-chegados. Por um lado, havia os incorporadores profissionais que trabalhavam com as estradas de ferro — Hobart Whitley, Moses Sherman, Eli Clarke, M.L. Wilcox e outros — e haviam seguido a explosão imobiliária do Oeste até a sua fronteira final, no Pacífico.¹³ Por outro lado, tinha-se a curiosa conjunção de refugiados do Leste, na maior parte originários de famílias tradicionais, que, seja por doença (Dwight Willard e Harry Chandler eram tuberculosos), seja por fracasso nos negócios (Otis, como vimos, era um candidato decepcionado a um cargo federal), tinham vindo para Los Angeles em busca de uma "última chance".

Embora esta elite mesclada fosse pouca coisa além de um bando de especuladores imobiliários derrotados, sob o *slogan* de um "Novo Começo" de Otis, eles deflagraram o mais ambicioso programa de construção urbana da história americana. Com a ambição imodesta de suplantam São Francisco no período de uma geração, eles mantiveram Los Angeles em pé-de-guerra — totalmente mobilizada para a auto-promoção e o aperfeiçoamento. Seus principais aliados, evidentemente, continuaram a ser as estradas de ferro, e uma indicação dos interesses comuns transcendentais é que, mesmo enquanto a *Free Harbor League* estava combatendo contra a SP, a Câmara de Comércio (dominada pelos mesmos personagens) estava cooperando com o "Octopus" para promover Los Angeles no Leste. Todos os lados concordavam que a realização do sonho maior dos especuladores — a subdivisão dos grandes latifúndios da Califórnia Meridional — exigia a construção de uma imensa infraestrutura artificial.

Os críticos (sobretudo naturais de São Francisco) escarneciam da presunção que anunciava Los Angeles como "uma das grandes cidades do mundo em fabricação", mas, num período de vinte anos, uma determinação municipal bismarckiana — manifesta tanto nas obras públicas quanto no monopólio privado — havia criado o maior porto feito pelo homem do mundo, classificação que também se aplicava ao aqueduto e ao sistema de ferrovias elétricas interurbanas. A

mesma determinação férrea, como vimos, também esmagou o movimento trabalhista em Los Angeles, com a intenção de dar à Associação dos Industriais e Comerciantes, organizada por Otis, uma vantagem competitiva sobre seus rivais regionais na cidadela sindical de São Francisco. A permanente confrontação de classe também reforçava a disciplina política da burguesia. Quando os progressistas de classe média (a *Good Government League* [Liga do Bom Governo] ou "Goos Goos") tentaram romper com a visão estritamente "Otis" do futuro de Los Angeles, foram levados a retornar às fileiras pelas dramáticas conquistas eleitorais do Partido Socialista em 1909-12 (o partido capitalizou tanto o ressentimento da classe trabalhadora em relação ao *Open Shop* quanto o apoio anti-progressista da máquina da Southern Pacific).¹⁴

Na sua lógica interna, esta estrutura de poder de terceira geração assemelhava-se a uma versão mckinleyana da *Cosa Nostra*. No ápice do poder regional estavam duas "famílias" de especuladores comandadas por "chefões" rivais. De um lado havia a dinastia *Times* de Otis e seu genro Harry Chandler. De outro estava a "turma da Pacific Electric": a aliança de Isaias Hellman e Henry Huntington, que também incluía os milionários de São Francisco, Christian de Guisne e Antoine Borel.¹⁵ Hellman, o principal remanescente do *ancien régime* da década de 1870, havia se mudado para São Francisco em 1890 para dirigir o Wells Fargo Bank, mas continuou, mesmo à distância, a dominar as finanças de Los Angeles até sua morte em 1920. Ele ajudou particularmente o herdeiro da SP, Huntington, a financiar a integração das ferrovias suburbanas no afamado sistema Pacific Electric. Hellman e Huntington, dois dos homens mais ricos do Oeste, detestavam o general Otis, e é interessante especular qual poderia ter sido a conseqüência de uma guerra total entre as duas facções rivais.

Ao invés disso, os chefões preservaram a paz, dividindo entre eles os super-lucros do próximo *boom* de Los Angeles. Manipulando a política da água e funcionários municipais comprometidos, Otis, Chandler, Hellman e Huntington — juntamente com uma dúzia de outros capitalistas de destaque (inclusive até o socialista cristão John Randolph Haynes) — se organizaram em associações para monopolizar a subdivisão de Hollywood, do Vale de San Fernando e de boa parte do nordeste de Los Angeles. Como sugerem Towne e *Chinatown* de Polanski (numa história mais sincrética do que ficcional), os lucros assombrosos destas operações uniram a classe dominante e capitalizaram linhagens de poder (notavelmente o império *Times-Mirror*) que ainda estão no mesmo lugar até hoje.

A CIDADE DE HARRY CHANDLER (1920-1940)

Depois da morte de Otis em 1917, Harry Chandler — membro de mais de cinquenta conselhos diretores de empresas — emergiu como o líder inquestionável da estrutura de poder anglo-saxônica de quarta geração, "o *generalissimo* das

forças que engendraram o grande *boom* do pós-guerra".²⁰ É verdade que Los Angeles nos anos vinte era, em muitos aspectos, uma ditadura de fato do *Times* e da Associação de Industriais e Comerciantes, uma vez que o infame "esquadrão vermelho" do LAPD (Departamento de Polícia de Los Angeles) mantinha a contestação fora das ruas e os radicais na cadeia.²¹ A base social deste regime autoritário era o grande influxo de classe média conservadora do Meio Oeste entre 1900 e 1925 — uma das grandes migrações internas da história americana. Numa época em que a imigração transatlântica estava tornando a maioria das grandes cidades norte-americanas mais habitadas por estrangeiros, católicos e judeus, a população branca não-protestante de Los Angeles estava em relativo declínio. Além disso, a nova camada WASP ascendente encontrava seu sustentáculo econômico essencial na chegada em massa de mão-de-obra mexicana, após a queda do Porfiriato em 1910. Evocando Los Angeles em 1920, Robert Fogelson descreve uma polarização étnica que, a não ser pela drástica inversão entre as populações majoritária e minoritária, prefigurava a cidade dos anos noventa:

Diferentemente da maioria das metrópoles do Oeste e do Meio Oeste, as quais eram divididas entre americanos nativos e europeus imigrantes, Los Angeles era dividida entre uma esmagadora maioria de brancos nativos e uma significativa minoria de cor. Em nenhum lugar da costa do Pacífico, nem mesmo na cosmopolita São Francisco, havia, nos anos vinte, uma mistura tão variada de grupos raciais, um contraste tão visível e uma separação tão pronunciada entre as pessoas.²²

Uma das primeiras vítimas desta recomposição da demografia e do poder foi o *status* social de integração dos judeus de Los Angeles. No começo da década de 1900, os judeus da elite, inclusive as dinastias pioneiras das décadas de 1840 e 1850, estavam sendo excluídos das diretorias das empresas, firmas de advocacia, associações filantrópicas e clubes que, em muitos casos, haviam ajudado a estabelecer.²³ Ao mesmo tempo, o destaque dos judeus nas finanças, representado pelo Farmers and Merchants Bank de Hellman (o qual também reagrupava remanescentes da elite gentilica de 1870), declinava diante da ascendência crescente dos impérios bancários com agências regionais, liderados por Joseph Sartori (Security Bank) e Henry Robinson (First National). A velha guarda judaica, diante do crescimento do anti-semitismo em toda parte, iniciou uma retirada defensiva para sua própria cultura segregada de elite (representada inicialmente pelo Concordia Club, seguido pelo Hillcrest Country Club).

Os capitalistas católicos, interdependentes em relação à máquina local do Partido Democrata, também se retraíram ante a hegemonia econômica da panelinha de Chandler e supremacia política do protestantismo militante. O outrora poderoso Partido Democrata da Califórnia Meridional — comandado em seu apogeu, na década de 1890, pelo senador Stephen White, o herói da luta pelo "porto livre" — ficou reduzido a um grupo de conspiradores fragmentado e sem

expressão, numa época de governo unipartidário republicano. Sua desordem indisciplinada expunha a competição entre várias subelites, divididas pela religião e pelo petróleo. Assim, de um lado estavam as sobras católicas da velha máquina do partido, lideradas por Isidore Dockweiler, advogado da ferrovia e remanescente dos dias do "Octopus" da SP. De outro lado, havia uma cacofonia de oportunistas wilsonianos que haviam se mudado para Los Angeles durante as explosões imobiliária e petrolífera do começo dos anos vinte, na esperança de recuperar suas fortunas perdidas. Eram comandados pelo genro do falecido presidente, William Gibbs McAdoo, que, levado a sair de Nova York pela popularidade de Al Smith, mobilizava um eleitorado de democratas do sul, ex-bryanitas e a Ku Klux Klan (na época expandindo sua influência na Califórnia Meridional). Embora o industrial do petróleo Edward Doheny (do escândalo Teapot Dome) fosse o mais destacado católico de Los Angeles, ele financiava amplamente McAdoo, presumivelmente porque este último era ainda mais apaixonadamente "pró-petróleo" do que anti-católico. (Na convenção do Partido Democrata de 1924, os "partidários de Smith na platéia ironizavam constantemente, gritando 'petróleo, petróleo, petróleo' toda vez que McAdoo era mencionado".)²⁴

De fato a Califórnia Meridional, na loucura petrolífera dos anos vinte, era a terra dos *sheiks* de olhos azuis, alguns dos quais formaram um novo extrato da classe dominante chandleriana, enquanto outros terminaram ocupando celas em San Quentin.²⁵ Mas até mesmo a especulação do petróleo, no clima ferozmente anti-semita da época, era organizada através dos equivalentes financeiros de cláusulas restritivas ou fontes de água potável segregadas. Durante o frenesi da Julian Petroleum, a maior e mais falsa das promoções, associações acionárias separadas foram estabelecidas para capital judeu e gentílico. Como seria de se esperar, quando a farsa se desfez, e a fraude subjacente ficou exposta, liquidando milhares de investidores e mergulhando a Califórnia Meridional na recessão, a promotoria se concentrou nuns poucos bodes expiatórios judeus, se recusando a investigar indicações óbvias que apontavam (como vimos no capítulo passado) para o banqueiro Henry Robinson e outros membros do sistema estabelecido WASP.²⁶

Como escola de escândalos, somente o *boom* da construção no Centro poderia rivalizar com a corrida do petróleo. Quando as coligações de Otis-Chandler-Hellman-Huntington compraram as propriedades dos latifundiários do Vale de San Fernando, estes últimos despejaram seus ganhos de capital em imóveis do Centro. Seus arranha-céus epônimos (Van Nuys, Lankershim, San Fernando, e assim por diante) dominaram a silhueta da cidade até o início dos anos vinte, quando, por sua vez, a quarta geração começou a deslocar os ganhos ilícitos de suas especulações suburbanas para uma nova expansão do Centro. Chandler comandou as coligações que financiaram o Biltmore Hotel (com Letts e os Chaffey) e o Edifício do Terminal do Metrô (com Sartori), como também melhorias promocionais (Coliseum, Union Station, Centro Cívico, e outros) que

aumentaram a valorização das propriedades do Centro de um modo geral.²⁹

Mas nem o *boom* do petróleo, nem o do Centro — ou tampouco os da laranja e do cinema, neste aspecto — forneceram uma sustentação econômica adequada para a drástica ascensão de Los Angeles durante os anos vinte, que a tornaria o quarto maior distrito metropolitano da nação. O comércio e a riqueza criados na área eram insuficientes para suportar a prodigalidade das superestruturas de consumo, emprego terciário e geriatría da região. Como observou Upton Sinclair, Los Angeles era fundamentalmente "parasita" da prosperidade produzida em outras regiões — uma espécie de "sociedade nas nuvens", como a Laputa de Swift, que levitava graças ao influxo de migrantes e aposentados ricos do interior.³⁰

Chandler e outros líderes da quarta geração, como Sartori e Robinson, tinham uma consciência aguda de que a máquina imobiliária de crescimento criada pela geração anterior exigia transferências contínuas de poupanças vindas do resto do país. Embora o All Year Club, sob a direção de Chandler, lançasse uma campanha intensiva, nos anos vinte, para que imigrantes e turistas afluentes continuassem a vir para o Oeste, havia um acordo universal entre as elites de que o que Los Angeles mais precisava era de indústria. Como argumentava o próprio *Times*:

Los Angeles existe há muito tempo sobre uma base econômica de interesses locais de construção e imóveis. Precisamos de mais fábricas, novas indústrias, mais comércio interestadual e desenvolvimento do comércio exterior.³¹

Com o proprietário do *Times* mais uma vez no leme, as forças do *Open Shop* iniciaram uma cruzada para atrair empresas do Leste na direção da "terra ensolarada da liberdade industrial", Los Angeles. Em 1930, eles haviam convencido dúzias de empresas a instalarem fábricas subsidiárias, criando quase cinquenta mil novos empregos no condado.³²

Contudo, a estrutura de poder chandleriana acabou por ser derrotada por seus próprios sucessos. Cada uma de suas principais estratégias de acumulação — isto é, a recapitalização do Centro e a promoção da indústria através de fábricas subsidiárias — trouxe conseqüências inesperadas que enfraqueceram ou diluíram sua hegemonia. Por exemplo, a conversão de uma parte tão grande de patrimônio da elite em imóveis no Centro não soube prever a influência centrífuga da automobilização precoce da Califórnia Meridional, a qual, já em 1925, tinha atingido uma densidade (um carro para cada 1,6 pessoas) que o resto do país só igualaria no final dos anos cinquenta. Ao enredar as linhas de bonde do Centro num emaranhado de conflitos pelo direito de ir e vir, enquanto oferecia, simultaneamente, a opção de mobilidade pessoal virtualmente ilimitada para os que sofriam diariamente para chegar ao local de trabalho, o automóvel subverteu o monopólio de local de convergência do Centro, criando oportunidades de lucros altos e rápidos para os incorporadores dos primeiros complexos comerciais suburbanos baseados no automóvel.³³

De fato, no final dos anos vinte, as forças do Centro estavam enredadas numa batalha perdida para evitar que A. W. Ross estabelecesse o seu "Miracle Mile" no Bulevar Wilshire, em Westside. Quando a suburbanização da classe média, na direção do oceano, começou a dispersar as funções tradicionais do Distrito Comercial Central ao longo do eixo de Wilshire (a parte do Centro no comércio de varejo caiu de 90 por cento em 1920 para 17 por cento em 1950), o abrangente sistema imobiliário coligado — tão essencial para a coesão da elite na geração anterior — desmoronou. Do mesmo modo que a cidade foi se tornando cada vez mais descentralizada, o mesmo ocorreu com o controle da sua principal atividade geradora de lucro, a subdivisão da fronteira suburbana. A elite de quarta geração — agora definida auto-conscientemente como um "Downtown Establishment" — lutaria em vão pelos próximos quarenta anos para "recentralizar" o crescimento em torno de seus enormes investimentos fixos no CBD.³⁴

A industrialização minou seus poderes de formas mais sutis. As fábricas subsidiárias eram as *maquiladoras* dos anos vinte: geralmente localizadas em zonas industriais fora dos limites da cidade, elas montavam as peças enviadas do Leste. Exceto pelas ligações de Chandler com Donald Douglas e Warner Brothers, Frederic Jaher encontrou poucas evidências da integração do capital local com o externo:

Na verdade, o financiamento principal e a direção destes empreendimentos emanavam geralmente de bancos e empresas baseadas principalmente na costa atlântica. [Da mesma forma], metade da produção da indústria do petróleo era controlada por gigantescas empresas de âmbito nacional, e as principais independentes eram administradas, na maioria dos casos, por recém-chegados.³⁵

"Hollywood" (incluindo também os enclaves cinematográficos em Burbank, Universal City e Culver City) exemplifica esta crescente disjunção entre o poder econômico regional e a elite orientada para o Centro. O fato mais importante a respeito da colônia cinematográfica não era tanto a dominação financeira por parte de Wall Street e do Banco da Itália, mas simplesmente o fato de ser comandada por judeus do Leste da Europa que, a despeito de sua legendária riqueza e conservadorismo político, não podiam jogar golfe no mesmo clube ou mandar seus filhos para as mesmas escolas que a elite chandleriana. Até mesmo Louis B. Meyer, presidente do Partido Republicano da Califórnia durante os anos trinta, além de executivo mais bem pago dos Estados Unidos, era excluído dos santuários sociais fechados de que desfrutavam agentes imobiliários e revendedores de carros usados WASP de nível médio.³⁶

Os clãs judeus *hochdeutsch*, como os Hellmans e os Newmarks, a princípio desdenhavam os vulgares *nouveaux riches* de Hollywood, mas eles acabaram por se reconciliar gradualmente, devido às pressões comuns de anti-semitismo sofridas

e à riqueza revigorante dos potentados do cinema. O Hillcrest Country Club, fundado em 1920 nos limites de Beverly Hills e dos estúdios da Fox, era o cadinho das elites judaicas antigas e novas, onde os ingredientes para uma futura estrutura de poder do "Westside" foram combinados pela primeira vez. Como explica Neal Gabler:

Os judeus de Hollywood em Hillcrest estavam também reorganizando as configurações de poder dentro da comunidade judaica. Hillcrest não apenas significava a relutante aceitação dos judeus de Hollywood por parte dos judeus alemães, cujo poder estava, de toda forma, declinando no momento em que a Depressão se abateu; Hillcrest forjou uma aliança entre estes grupos.²⁷

UMA CIDADE DE DUAS CABEÇAS

O enclave de economia manufatureira provou ser o cavalo de Tróia da cidade de Otis: já em 1927, Hollywood abriu uma brecha nas fileiras dos empregadores ao aceitar o Acordo Geral dos Estúdios com os sindicatos; mais tarde, as fábricas subsidiárias de automóveis e pneus imporiam contratos e padrões trabalhistas nacionais. O *Open Shop*, de qualquer forma, estava sendo encerrado por um estranho movimento municipal de reforma que uniu "Goos Goos" mais recentes com a CIO (Congresso de Organizações Industriais) para varrer a corrupção cívica e as leis anti-piquetes. A despeito das advertências sombrias da "Better America Federation" (Federação por uma América Melhor) e de outras frentes favoráveis à Associação dos Industriais e Comerciantes, dizendo que a sindicalização transformaria Los Angeles novamente num deserto, a guerra no Pacífico chegou a tempo de trazer à região sua verdadeira revolução industrial.

Embora seja duvidoso afirmar que Harry Chandler ou qualquer de seus amigos ricos identificasse grande coisa no nome "Keynes", além do falatório nebulosamente percebido sobre "socialismo britânico", a economia de Los Angeles nos anos quarenta estava sendo "keynesianizada" à sua própria e peculiar maneira. Primeiro, os fluxos de capital inter-regional que haviam sido a fonte da prosperidade da Califórnia Meridional estavam agora institucionalizados em verbas de defesa nacional que deslocavam recursos fiscais do resto do país para irrigar as fábricas de aeronaves e bases militares da área de Los Angeles: um gigantesco subsídio regional que, nos últimos anos, estimava-se numa média de 17-20 bilhões de dólares por ano.²⁸

Em segundo lugar, o processo de conversão da terra, já elevado a uma economia de escala pelos incorporadores e coligações antes da guerra, estava agora transformado numa verdadeira indústria de produção em massa. Hipotecas garantidas pelo governo federal, benefícios para veteranos e um setor de

poupanças e empréstimos protegido — juntamente com os salários mais altos das fábricas de aeronaves — forneceram uma demanda de massa estável para os produtos dos "construtores comerciais" locais, e industrializaram a construção e montagem no local dos nascentes subúrbios do Vale de San Fernando e da planície costeira do sudeste.

Estas novas estruturas de acumulação transformaram as condições para a reprodução do poder da elite. A militarização da economia de Los Angeles conferiu o maior quociente isolado de poder econômico para o enclave de empresas aeronáuticas, financiadas por Wall Street e historicamente indiferentes ao destino do Centro. Ao mesmo tempo, a posição estratégica da indústria de poupança e empréstimo dentro da revolução habitacional do pós-guerra abriu novos papéis no poder para atores política e etnicamente intrusos. Felizmente, Harry Chandler, que morreu em 1944 aos oitenta anos, não estava presente para ser testemunha da lenta decomposição de seu *ancien régime*.

O WESTSIDE EMERGE (ANOS CINQUENTA)

No período da reconversão (1944-47), a geração chandleriana de líderes do Centro começou a ser substituída pelos seus filhos e protegidos. O círculo mais proeminente era composto de amigos íntimos de Norman Chandler desde os dias de universidade, nos anos vinte: Bud Haldenan (cujo pai era um líder dos *open shops*, e cujo filho brilharia em Watergate), Preston Hotchkis (o herdeiro do rancho Bixby), John McCone (futuro diretor da CIA) e Reese Taylor (que acabou sendo presidente da Union Oil). Mas estes netos dos incrementadores do século dezanove não seriam eles mesmos os arquitetos do grande boom suburbano dos anos cinquenta. A posição estrutural deles na economia da Califórnia Meridional era, cada vez mais, a de um estrato clássico de pessoas que vivem de renda, preocupadas em cultivar o patrimônio, especialmente seus interesses comuns no Centro. Além disso, a síndrome do "sangue cansado" ou do "menino rico mimado", que, aparentemente, aflige todas as dinastias depois da segunda geração, tornou-os dependentes das esposas ou dos braços-direitos de seus pais.

De fato, a direção real das atividades da elite do Centro durante os anos cinquenta era um híbrido de matriarcado e regência. Norman Chandler, embora nominalmente herdeiro do trono, deixava o comando das lutas prolongadas para o principal procurador de seu pai, Kyle Palmer (a quem David Halberstam considerou o "chefe político da Califórnia" entre 1930 e 1960), ou, alternativamente, para sua ambiciosa esposa "Buffy". (Segundo Halberstam, "Buffy" aprendeu sobre as transações do poder literalmente através da escuta junto a buracos de fechadura, enquanto seu sogro fazia negócios com Herbert Hoover).²⁹ Outro dos antigos associados de Chandler, o executivo de seguros Asa Call, tam-

bém desempenhou papéis de "senhor mandachuva" em oposição a Palmer e a Sra. Chandler. Ele era geralmente assessorado por O'Melveny e pelo sócio de Myers, James Lin Beebe, além do comerciante de móveis Neil Petree. Mais tarde, quando a elite republicana começou a se dividir entre as alas da "velha direita" e da "nova direita", o industrial do petróleo Henry Salvatori surgiu como a *eminentie grise* do grupo mais conservador.

Este esclerosado bloco de poder, cada vez mais dependente de um sistema ptolomaico de partidários e lobistas, tomou três atitudes principais no final dos anos quarenta e nos anos cinquenta para recuperar sua hegemonia em declínio. Primeiro, Beebe e Petree, como chefes do poderoso Comitê de Tráfego e Trânsito da Câmara de Comércio, lançaram um plano, em 1948, para integrar o trânsito rápido da ferrovia numa rede radial de vias expressas a partir do Centro. O objetivo da Câmara era proteger os valores das propriedades do CBD, reforçando a posição do Centro como núcleo irradiador do trânsito — neste caso, atrair o comércio varejista do Vale de San Fernando, em expansão, antes que outro empresário repetisse o feito de A. W. Ross nos anos vinte, criando um complexo comercial suburbano alternativo.

Embora "*Rail Rapid Transit — Now!*" (Trânsito Ferroviário Rápido — Já!) fosse endossado por centenas de homens de negócio do Centro, assim como pelos maiores incorporadores do Vale de San Fernando, acabou condenado como reivindicação "socializante" por uma contra-coalição composta por incorporadores do Westside, interesses comerciais da periferia (inclusive os proprietários do novo Crenshaw Shopping Center), as câmaras de comércio de Wilshire e Miracle Mile, o Conselho dos Agentes Imobiliários de Los Angeles e cidades independentes como Long Beach e Santa Monica. No fim, esta frente suburbana unida reverteu uma maioria apertada nas Assembléias Municipais contra o plano da Câmara — uma "derrota assombrosa" da liderança do Centro, na opinião de um historiador do episódio.¹¹

Ajudada pelo macartismo local, a velha guarda obteve mais êxito em 1958, restabelecendo um regime flexível dominado pelo *Times* no governo municipal. O pretexto para sua contra-revolução municipal foi o "socialismo insidioso" (a vez deles de fazer a acusação) do programa habitacional público de baixos aluguéis do prefeito Fletcher Bowron, sobretudo naquilo que entrava em conflito com os planos da elite para o Centro — como em Chavez Ravine ou, potencialmente, em Bunker Hill. O que Bowron denunciaria mais tarde como "um grupo pequeno, mas imensamente rico e incrivelmente poderoso" — i.e., Chandler, Call, Petree e Beebe —, cooptou o deputado de direita Norris Poulson como porta-voz de sua cruzada contra o "socialismo". Segundo Gottlieb e Wolt, Poulson aceitou a indicação para se candidatar somente depois de receber de Chandler a garantia de que o prefeito tinha "o direito de desfilhar pela cidade num Cadillac com chofer pago pelo município". Com as páginas dos editoriais de Norman Chandler bombardeando o bolchevismo e a habitação públi-

ca, Poulson conseguiu seu passeio de Cadillac. Em poucos anos, em troca, o prefeito feito pelo *Times* concedeu aos interesses do Centro o que realmente queriam: a remoção dos doze mil residentes de baixa renda, abrindo caminho para a reincorporação de Bunker Hill e para a construção do Dodger Stadium em Chavez Ravine.¹²

Entusiasmados pela facilidade com que conquistaram o governo do município, Chandler, Palmer, Call e companhia uniram forças com seu aliado tradicional, a dinastia Knowland, de Oakland, para levar a contra-revolução a todo o estado em 1958. A *bête noire* tradicional do republicanismo de Velha Guarda na Califórnia era menos o Partido Democrata do que o regime imensamente popular, assistencialista e apoiado pelos sindicatos do governador republicano liberal Earl Warren (1942-54). Em parte para bloquear as ambições presidenciais de Warren, a Velha Guarda, liderada por Kyle Palmer e Norman Chandler, engendrou a ascensão de Richard Nixon do Congresso para a vice-presidência.¹³

Depois da elevação de Warren à Corte Suprema, as forças Chandler-Knowland se concentraram em cortar as asas de seu sucessor republicano moderado Goodwyn Knight. Sua estratégia era forçar Knight a trocar de posição com o senador William Knowland, o qual usaria então a base supostamente mais sólida da mansão do governador para uma candidatura presidencial em 1960. Em conjunção com a campanha de Knowland, além disso, havia uma iniciativa de direito ao trabalho, a qual se caracterizava por denúncias históricas da "ameaça Walter Reuther à Califórnia"¹⁴. Esta tentativa vociferante e presunçosa de trazer de volta o *Open Shop* foi um tiro pela culatra, que resultou numa arrasadora vitória histórica dos democratas, liderados por Pat Brown, enterrando definitivamente o republicanismo da Velha Guarda.

Ainda mais chocante para a elite do Centro de Los Angeles, a *debacle* republicana de 1958 também assinalou a ascensão dos centros de poder do Westside, dispostos e capazes de contestar o monopólio histórico sobre a influência política de âmbito estadual. Uma das principais mágoas da Velha Guarda contra o governador Knight, além de seus "mimos ao trabalhismo", era a confiança que depositava no apoio do rei das instituições de poupança e empréstimo do Westside, Howard Ahmanson. Com a reputação de homem mais rico da Califórnia, Ahmanson era desprezado não apenas por sua descendência judaica, mas por ser um "republicano róseo — rico demais para ser um democrata e liberal demais para ser um verdadeiro republicano". A tentativa de Knight de depor o chefe das finanças do estado, o republicano Asa Call (senhor mandachuva de LA), e substituí-lo por Ahmanson, havia provocado o rompimento final entre as duas alas do partido.¹⁵

Apesar disso, enquanto Ahmanson era o braço-direito financeiro de Knight, estava também dando um silencioso apoio momentâneo a Jesse Unruh, um

¹¹ Walter Philippe Reuther (1907-1970): líder trabalhista americano.

vereador liberal do Partido Democrata, originário do Centro-Sul de Los Angeles, que tinha íntimas ligações com os democratas judeus do Westside. Quando Knight foi humilhantemente forçado a ceder a candidatura ao governo do estado a Knowland, Ahmanson pagou o salário de Unruh para que administrasse a campanha muito bem-sucedida de Pat Brown na Califórnia Meridional. Isso foi o começo do celebrado "sistema Ahmanson-Unruh", através do qual o dinheiro do Westside (Bart Lytton, de Beverly Hills era outro contribuinte importante) propiciou a Unruh o "jabá" necessário para capturar a presidência da Câmara e, em última análise, o controle da legislatura. Com "Big Daddy" Unruh desembolsando estrategicamente o dinheiro das instituições de poupança e empréstimo para candidatos democratas mais jovens, boa parte da "ala liberal" ostensiva do partido tornou-se um satélite dos *nouveaux riches* de Los Angeles.¹⁴

De onde veio o dinheiro para comprar tanto poder? Embora parte da nova riqueza do Westside tivesse surgido a partir do *boom* aeroespacial militar do final dos anos cinquenta, o *locus* do poder, como nas gerações anteriores, permanecia sendo a especulação imobiliária. Mas, como já enfatizamos, o jogo agora era disputado de acordo com as novas regras de suburbanização keynesiana estabelecidas pela FHA (Autoridade Federal da Habitação) e Fannie Mae. Dois grupos ascendentes de empresários dominaram a explosão da construção nos anos cinquenta a partir de seus quartéis-generais no Westside, fora do raio de ação do poder do Centro. Primeiramente, havia os construtores comerciais, na maioria recém-chegados dos anos quarenta, como Nate Shapell, Larry Weinberg, Louis Boyar, Ray Watt, Bill Lyon e, mais tarde, Eli Broad. Em segundo lugar estavam os impérios de poupança e empréstimo, que canalizavam capital de hipotecas de todo o país para os construtores de habitações da Califórnia Meridional. Nos anos cinquenta, isto era uma indústria extraordinariamente dinâmica, com uma base de depósitos que crescia 21 por cento ao ano. As firmas locais de destaque eram a Home Federal Savings, de Ahmanson, a maior dos EUA., e First Charter Corporation, de Mark Taper, a terceira maior. Além disso, o setor de construção estava completamente integrado ao de poupança e empréstimo por meio de combinações estratégicas (por exemplo, a aliança de Taper com Boyar e Weinberg para a produção intensiva do subúrbio de Lakewood), como também através de reinvestimentos maciços dos lucros dos construtores na indústria de poupança.¹⁵

A ascensão deste complexo de construção e poupança, alimentado pelo *boom* e subsidiado pelo governo federal, deslocou os eixos étnico e geográfico do poder regional. Antes da Segunda Guerra Mundial, somente um punhado de grandes incorporadores (sobretudo Joseph Toplitzky) eram judeus; depois da guerra, estimulada pela imigração judaica para o Westside e o Vale, a incorporação de subúrbios tornou-se praticamente uma indústria dominada pelos judeus, tanto no aspecto da construção quanto do financiamento. Como observam Vorspan e Gartner, "o construtor judeu substituiu o judeu magnata do cinema

como o empresário por excelência."¹⁶ Mas os construtores eram menos rivais do que reforços para a comunidade de segunda geração de herdeiros de estúdios e produtores de cinema que se reunia em torno do Hillcrest Country Club. Com os setores de construção, por um lado, e de diversões, por outro, como dois pilares, a crescente indústria de artefatos e roupas esportivas (financiada e integrada pelo Union Bank, de propriedade judaica) completou o tripé de poder econômico da comunidade *landsmen* (judeu de origem germânica). Além disso, como vimos no último capítulo, em uma década em que a construção no Centro havia praticamente cessado, o *boom* imobiliário do Westside — tanto representado pelas casas nas encostas quanto pelo novo quartel-general de poupança e empréstimo — generalizou o modernismo arquitetônico como um símbolo característico da sociedade do Westside dominada pelas elites judaicas. Embora outras cidades americanas possam ter tido elites plurais ou panelinhas concorrentes, nenhuma poderia afirmar a existência de uma situação tão dicotômica, em tantos níveis quanto os universos separados das classes altas do Centro e do Westside.

RESPOSTAS PARA A CRISE URBANA (1960-70)

Uma cidade com duas estruturas de poder, contudo, é como uma fera de duas cabeças. Com a chegada dos anos sessenta, Los Angeles se encontrava dividida quanto à orientação e à lealdade. Cada vez mais, a reincorporação do Centro e a expansão do Westside surgiam como um jogo em que a derrota de um significaria a vitória do outro, com a possibilidade de que a verdadeira liderança da cidade fosse conquistada à força por grupos mais jovens e dinâmicos do Westside. Além disso, a restauração da Velha Guarda no governo municipal, sob o comando de Poulson, foi primeiro esvaziada pela representação crescente dos subúrbios na Assembléia Municipal, e depois inteiramente derrotada pela inesperada vitória de San Yorty na eleição para prefeito de 1961.

Yorty — o mais notório candidato perene da política californiana — venceu Poulson com apelações estríonias para uma variedade de queixas suburbanas, desde a separação do lixo ("a opressão da dona de casa") até a supertaxação. Embora investisse contra o *Times* e o "sistema estabelecido do Centro", Yorty — um democrata renegado em rápido deslocamento para a direita — não tinha nenhuma conexão evidente com a estrutura de poder do Westside. Ao contrário, ele venceu como um aventureiro, explorando um acúmulo de ressentimentos do eleitorado contra a elite.

Um de seus principais compromissos de campanha, orientado para a conquista de votos no Centro-Sul de Los Angeles, havia sido a demissão do chefe Parker do departamento de polícia de Los Angeles (LAPD), um crente confesso na supremacia dos brancos, considerado pelos negros de Los Angeles como o

responsável por um reino de terror policial. Ao invés disso, Yorty apostou seu cacife no apoio à polícia e à crescente resistência dos brancos em relação às exigências de direitos civis (exemplificada por uma iniciativa, em 1964, de repelir a nova lei de habitação livre da Califórnia). Uma consequência importante desta combinação de repressão e intransigência dos brancos foi a Rebelião de Watts em 1965. Enquanto os incêndios ficavam perigosamente próximos dos limites do sul do CBD, e as tropas da Guarda Nacional ocupavam o campus de alto nível social da USC (Universidade da Califórnia Meridional), os líderes empresariais do Centro contemplavam a possibilidade de ruína de sua estratégia de reincorporação.

Se, por um lado, eles estavam diante da previsão da Comissão McCone "de que, em 1990, o núcleo do centro urbano de Los Angeles será habitado, quase que exclusivamente, por mais de 1.200.000 negros", por outro lado, eles enfrentavam a competição do novo "centro" do Westside — o complexo de Century City, perto de Beverly Hills. Banqueiros imobiliários e agentes de arrendamento nervosos começaram a falar sobre uma debandada empresarial generalizada para o Oeste, e até mesmo na "morte do Centro". Esta conversa apocalíptica no rastro do levante do gueto, galvanizou a Velha Guarda para a ação (como disse Régis Debray, uma vez, "as revoluções revolucionam as contra-revoluções").

Segundo Wolt e Gottlieb, Daniel Bryant, de Bekins, convenceu Asa Call a reunir um discreto comitê diretor, formado pelas maiores empresas do Centro e conhecido como o Comitê dos 25, o qual incluía Norman Chandler, Neil Petree, Henry Salvatori, William French Smith (mais tarde o procurador-geral do governo Reagan), Norman Topping (da Universidade da Califórnia Meridional) e John McCone (que foi presidente da comissão que investigou os distúrbios, cujas conclusões acobertaram o papel do LAPD e criaram imagens alarmistas do poder dos negros). O Comitê dos 25 pretendia funcionar como um governo paralelo dos cidadãos mais influentes, fazendo com que sua opinião consensual pesasse nas decisões do prefeito e da Assembléia. (Consideraremos, num capítulo posterior, como a elite "militarizou" a reincorporação do Centro como resposta à Rebelião de Watts.)

Mas este grupo fechado vivia dividido por dissensões em relação à estratégia fundamental. Primeiramente, deveria o Comitê dos 25 ser ampliado para incluir representantes da estrutura de poder judaico do Westside? Em segundo lugar, deveriam eles endossar a política de polarização racial, apoiando Yorty? Em ambas as questões, a dinastia Chandler, agora oficialmente liderada pelo filho de Norman, Otis, rompeu com o grupo majoritário da Velha Guarda. Como vimos no capítulo anterior, a mãe de Otis, Buffy, já vinha há muito encorajando uma reaproximação com a sociedade do Westside — incidentalmente, uma posição que coincidia com a orientação cada vez mais presente do *Times* no sentido de abranger os grupos afluentes da região como um todo. Agora os Chandler, para horror de gente do tipo que freqüentava o California Club e dos membros john-

birchitas do seu próprio clã familiar, uniam-se aos outrora desprezados "liberais do Westside" para apoiar a candidatura mal sucedida do vereador Thomas Bradley ao cargo de prefeito em 1969, enquanto o resto do Comitê dos 25 optou pela campanha violenta de afluxamento dos ódios raciais de Yorty.

A cisão na estrutura de poder do Centro, engendrada pela insidiosa liberalização no *Times*, abriu caminho para realinhamentos complexos. Enquanto a cidade sofria em meio à sua primeira recessão da indústria aeroespacial e ao terceiro mandato de Yorty, um grupo de proeminentes liberais judeus do Westside, comandado pela chamada "Máfia de Malibu" (Max Palevsky, Harold Willens e Stanley Sheinbaum), empreendeu a criação de uma base de apoio mais ampla e afluyente para a revanche de Bradley contra Yorty. Com o multimilionário Palevsky como chefe da campanha, o consultor político David Garth foi importado de Nova York para coordenar uma *blitz* publicitária, usando estrelas de Hollywood, padres e rabinos. Enquanto isso, os caciques do Partido Democrata no Westside, como Paul Ziffren, Grae Davis e Nelson Rising, lançavam mão de fontes de financiamento geralmente reservadas para campanhas nacionais cruciais, enquanto um esforço abrangente no sentido das bases era organizado por liberais e pastores negros. O *Times* bateu os últimos pregos do caixão de Yorty com uma série de editoriais denunciatórios.

Forças anti-Bradley inconformadas atribuíram a derrota de Yorty a esta convergência pecaminosa do dinheiro do Westside com o poder editorial dos Chandler. Aos olhos de muitos dos membros da Associação do Centro da Cidade, Bradley, ainda que não fosse o "pantera negra" ou "comunista" das acusações de Yorty, era, no mínimo, um "militante" e laiaio da democracia judaica do Westside. Um ponto particularmente sensível era a presença de Maury Weiner, um talentoso liberal de esquerda a quem os boatos classificavam de "companheiro de viagem do comunismo", como principal assessor do novo prefeito. As relações entre o governo municipal e o Comitê dos 25 melhoraram consideravelmente, todavia, depois que Weiner foi destruído por uma prisão politicamente engendrada pelo LAPD. Seu substituto foi um republicano de Pasadena, Ray Remy (mais tarde diretor da Câmara de Comércio de Los Angeles), que abrandou a tensão na comunicação entre o prefeito — que rapidamente demonstrou ser um moderado cauteloso — e o sistema estabelecido do Centro.

O que acabou resultando daí, num resultado que transcendeu a política de massa da coalizão de Bradley entre o Oeste e o Centro-Sul de Los Angeles, foi uma intrincada e ampla acomodação das elites na cidade. Bradley conquistou um Comitê dos 25 hostil com sua promoção da reincorporação do Centro, ao invés do desenvolvimento comunitário em Watts e East LA, programa que serviu de carro-chefe da sua administração. Os partidários de Bradley que haviam esperado iniciativas drásticas para enfrentar a pobreza e o desemprego no gueto ficaram chocados quando os grupos de trabalho da prefeitura, liderados por Asa Call, Phillip Hawley (lojas Broadway) e Red Schnell (Prudential Insurance), es-

tabeleceram metas de desenvolvimento econômico e transportes orientadas para as empresas. No terceiro ano da era Bradley, até mesmo Henry Salvatori (padrinho de Goldwater e Reagan) fazia contribuições para a prefeitura, enquanto a Câmara de Comércio cantava loas a uma administração que havia originalmente atacado.¹¹

A estrutura de poder do Westside, que, nos oitenta, se afastaria de Bradley e de suas políticas orientadas para o CBD, a princípio aceitou com entusiasmo a nova distribuição de poder, que forçava os líderes do Centro a negociar com eles o futuro da cidade. Embora a influência da "Máfia de Malibu" liberal sobre o governo municipal logo tenha se desvanecido, seu lugar foi ocupado por Lew Wasserman, da MCA — o empresário de Ronald Regan e último magnata de Hollywood. O papel de Bradley, como ponte entre as duas culturas de elite de Los Angeles, ficou simbolizado por um extraordinário evento para a arrecadação de fundos em seu apoio, realizado em 1975, e conjuntamente patrocinado por Wasserman e Asa Call — os mandachuvas de suas respectivas metades da cidade.¹² Se não era uma reconciliação, pelo menos expressava um reconhecimento.

A NOVA DISPERSÃO DO PODER

O "Woodstock" a rigor da elite reunida no jantar de Wasserman e Call foi também um canto do cisne. A partir do final dos anos setenta, a narrativa do poder em Los Angeles gradualmente cessou de ser um romance de Harold Robbins sobre Centro versus Westside. Tais antagonismos certamente ainda existem, mas os sistemas sociais estabelecidos mais antigos tiveram sua importância drasticamente reduzida à medida em que novas configurações de poder surgiram, delineadas pelas extraordinárias forças econômicas dos anos oitenta. A escala de dispersão do poder ocorrida nos últimos quinze anos pode ser ilustrada pela pesquisa reveladora de Robert Gottlieb (agora uma eminente autoridade em água da Califórnia) em meados dos anos setenta. Em várias publicações menores, como também na sua exaustiva história do *Times* (com Irene Wolt), Gottlieb conseguiu traçar um mapa detalhado de como o poder em Los Angeles era distribuído entre os sistemas do Centro e do Westside, assunto que discuti nas páginas anteriores.¹³

Traçar um mapa semelhante do poder em Los Angeles em 1990, com as mesmas coordenadas seguras de um guia de ruas com o endereço das estrelas, é praticamente impossível. Estamos vivendo um acontecimento relativamente raro (ainda que, como vimos, mais comum em Los Angeles do que em outros lugares), uma genuína "revolução vinda de cima", à medida em que as elites são remanejadas e novos centros de poder consolidados. Entre as grandes cidades dos Estados Unidos, talvez apenas Los Angeles — com sua porosidade social, poli-

centrismo espacial e adjacência ao Anel do Pacífico — seja atualmente suscetível a tamanha alteração nos seus círculos superiores.

Por exemplo, houve um aumento significativo no número de atores individuais de destaque e de suas riquezas mobilizadas. Donald Bren, Marvin Davis, a família Kobayashi, Donald Trump — para não falar em Michael Milken, caído em desgraça — são negociadores bilionários que, num dia de trabalho, rotineiramente, rompem ou criam associações de capital equivalente a patrimônios inteiros das famílias da Velha Guarda. E o capital de "além mar", não apenas japonês, mas também chinês, coreano, canadense e de Manhattan, tem agora a capacidade, no contexto da economia extremamente aberta de Los Angeles, de transformar subitamente qualquer situação, através de enormes aquisições ou injeções de novos investimentos (como confirma a aterrissagem de bilhões de dólares da Shuwa em 1976 ou a súbita chegada de Trump em 1990).

Esta presente volatilidade do poder pode ser melhor compreendida à luz daquilo que poderia ser caracterizado como a transformação pós-keynesiana da economia de Los Angeles.¹⁴ Uma polarização social dickensiana entre os ricos e os pobres (discutida extensivamente em capítulos posteriores) foi a única e mais drástica expressão de causa/efeito desta transição, mas três outros processos de larga escala são igualmente notáveis. Primeiro, houve a conversão do lote de terreno — o insumo básico da principal indústria de "produção em massa" de Los Angeles — num bem de luxo, ao alcance apenas de uma minoria cada vez mais restrita de residentes locais. Em segundo lugar, aconteceu a ascensão de uma nova geometria econômica que está transformando os antigos cinturões suburbanos de Los Angeles em "cidades da periferia" independentes. O terceiro fator foi a internacionalização da economia regional, a qual torna as elites de Los Angeles tributárias dos grandes centros financeiros de Shinjuku e Lower Manhattan.

Como os blocos de poder tradicionais da Califórnia Meridional reagiram a estas mudanças sem precedentes? Nós ainda estamos muito envolvidos pelo redemoinho da reestruturação para apresentar uma análise concisa. Ao invés disso, quatro breves estudos de caso sugerem algumas tentativas de teses sobre a relação entre as elites antigas e as novas realidades: primeiro, a remonopolização da incorporação da terra; em segundo lugar, a colonização do Centro pelos japoneses; em terceiro, a tentativa do *Times* de "regionalizar" sua circulação e influência; em quarto, a combinação complexa de sucessão de uma geração para outra e a penetração estrangeira em Hollywood.

O NOVO OCTOPUS

Por duas gerações, entre 1870 e 1910, período considerado pelos progressistas como a "idade das trevas" da Califórnia, a todo-poderosa estrada de ferro Southern Pacific (o "Octopus" de Frank Norris) agiu nos bastidores dos dois par-